

Quarteto Belcea



4 mai 26

04 mai 26 SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Quarteto Belcea

Corina Belcea Violino

Suyeon Kang Violino

Krzysztof Chorzelski Viola

Antoine Lederlin Violoncelo

Wolfgang Amadeus Mozart

Quarteto para Cordas n.º 19, em Dó maior, c. 30 min
K. 465, "Das dissonâncias"

1. *Adagio – Allegro*
2. *Andante cantabile*
3. *Menuetto: Allegro*
4. *Allegro molto*

Benjamin Britten

Quarteto para Cordas n.º 2, c. 32 min
em Dó maior, op. 36

1. *Allegro calmo senza rigore*
2. *Vivace*
3. *Chacony: Sostenuto*

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Quarteto para Cordas n.º 16, c. 25 min
em Fá maior, op. 135

1. *Allegretto*
2. *Vivace*
3. *Lento assai, cantante e tranquillo*
4. *Grave, ma non troppo tratto – Allegro*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 2H

INTERVALO DE 20 MIN

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Quarteto para Cordas n.º 19, em Dó maior, K. 465, “Das dissonâncias”

—

COMPOSIÇÃO 1785

DURAÇÃO c. 30 min

O Quarteto K. 465 culmina a magnífica série de seis quartetos que Mozart escreveu entre 1782 e 1785 e que dedicou a J. Haydn, no que foi a sua resposta artística ao impacto que sobre ele haviam tido os seis Quartetos do op. 33 (ed. 1781) do colega e amigo mais velho. Foi pelo próprio Mozart dado como terminado a 14 de janeiro de 1785 (anotação no seu caderno de registo de obras), tendo a respetiva composição decorrido em simultâneo com a do anterior (K. 464). O conjunto de seis seria editado em setembro desse ano, por Artaria (Viena). A boa receção que tiveram é atestada por reedições logo em 1787, 1789 e 1791. Mozart organizou, logo no dia seguinte (15 de janeiro), uma sessão em sua casa para apresentar as novéis obras, complementada por uma segunda, a 12 de fevereiro. O dedicatário, Joseph Haydn, esteve presente em ambas e provém daí a frase de alto elogio que pronunciou acerca de Wolfgang e que Leopold Mozart reproduziu numa carta à filha. O subtítulo “Das dissonâncias” ter-lhe-á sido apostado algures no decurso do século XIX no mundo germanófono e advém-lhe da misteriosa introdução, em *Adagio*, ao 1.º andamento, que apresenta uma série de veladas progressões harmónicas inusuais para o tempo (para mais, a abrir uma obra), ricas em cromatismos e retardos, que geram vários momentos de dissonância

e de ambiguidade tonal. Essa sombria introdução encerra com um acorde de 7.^a da dominante, que resolve logo de seguida em Dó maior e na luz do *Allegro*, estruturado na habitual forma-sonata. O *Andante cantabile* (em Fá maior) combina uma graciosidade vinda, dir-se-ia, da estética da *Empfindsamkeit* (em voga no 3.º quartel do século XVIII), com a sua componente de cortês conversação, com uma expressão lírica arquetipicamente sua. O *Menuetto* tem a particularidade de ter um *Trio* (secção central) de cariz bastante dramático (o que logo é sinalizado pela tonalidade de Dó menor que o enforma, a fazer lembrar o ambiente do Quarteto, K. 421, o 2.º da série), com contrastes dinâmicos devedores do período *Sturm und Drang*. O quarteto termina com um vigoroso *Allegro molto* (nova forma-sonata), no qual se nota a presença “secreta” do homenageado (Haydn). Denotando parentescos motivico-temáticos com o 1.º andamento, ele é construído sobre um motivo de notas repetidas e um desenho em arpejos de carácter propulsivo, sendo que Mozart concede ao longo desse andamento papel “de honra” na textura (e consequente brilho solístico) ao 1.º violino.

Benjamin Britten

(Lowestoft, 1913 – Aldeburgh, 1976)

Quarteto para Cordas n.º 2, em Dó maior, op. 36

COMPOSIÇÃO 1945

DURAÇÃO c. 32 min

A escrita de quartetos para cordas acompanha toda a vida criativa de Britten, mas de forma desigual: se, na juventude, temos um Quarteto em Fá maior (1928) e um em Ré maior (1931, rev. 1974), o seu primeiro quarteto numerado data de 1941, seguido, quatro anos depois, pelo Quarteto n.º 2. Depois disso, 30 anos decorreriam até que de novo abordasse o género: o 3.º Quarteto foi, aliás, a última obra que (já doente, então) Britten terminou.

O 2.º Quarteto data de outubro de 1945, ou seja, do período de grande consagração que se seguiu à estreia, em Londres, da ópera *Peter Grimes*, a 7 de junho de 1945¹. No ínterim, realizou uma ida à Alemanha, na 2.ª quinzena de julho, na companhia de Yehudi Menuhin, para recitais para sobreviventes dos campos de concentração e para deslocados de guerra, cujo roteiro incluiu o antigo campo de Bergen-Belsen, experiência que marcou fortemente Britten e que impregnou os *Holy Sonnets of John Donne*, que escreveu em agosto, logo após o regresso a Inglaterra; “sombra” que se prolongou ainda no presente quarteto, escrito logo a seguir, apesar do motivo “exterior” ser festivo: o 250.º aniversário da morte de Henry Purcell.

A estreia deu-se a 21 de novembro de 1945 – data precisa do falecimento de Purcell (e véspera do 32.º aniversário de Britten) –, no Wigmore Hall (Londres), pelo Quarteto Zorian².

O 1.º andamento apresenta três temas, na forma *durchkomponiert* com desenvolvimentos internos. O *Vivace* central, tocado sempre *con sordino* (vide *simile* em Bartók, no 2.º andamento do Quarteto n.º 4, de 1928), está na forma de *Scherzo com Trio*. A obra conclui com uma maciça *Chacony*, que é o centro de gravidade do propósito de “homage” a Purcell. Esse andamento ocupa por si só cerca de 3/5 da duração total do quarteto e é um autêntico *tour de force* de Britten na sua abordagem à forma-variación! Em acordo com a definição de uma *chaconne*, apresenta um baixo (progressão harmónica-base) tocado em uníssono, sobre o qual se irão suceder três conjuntos de seis variações (cada conjunto ocupando-se de um parâmetro musical: harmonia, ritmo, melodia), intercalados/separados por solos (breves *cadenzas*) instrumentais, e finalmente rematados por três variações culminativas, a última das quais reafirma a tonalidade final de Dó maior.

1. Após os anos difíceis da Guerra (por ser pacifista e objeter de consciência); e recordemos que Britten se fixou nos EUA entre 1939 e 1942.

2. O Zorian String Quartet foi um pioneiro quarteto inteiramente feminino criado em 1942 por Olive Zorian (1916-65) e que desempenhou um papel importante na música de câmara britânica nas décadas de 40 e 50. As Zorian fariam a primeira gravação da obra a 12/10/1946, nos famosos estúdios Abbey Road, em Londres.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Quarteto para Cordas n.º 16, em Fá maior, op. 135

COMPOSIÇÃO 1826

DURAÇÃO c. 25 min

Para além de um “adeus” ao género, este quarteto para cordas foi também praticamente a última obra que Beethoven concluiu, já que a sua escrita decorreu entre julho e meados de outubro de 1826, ou seja, poucos meses antes da sua morte. Ele fecha o notável grupo de cinco quartetos (ditos “tardios”) que Beethoven empreendeu após a estreia da 9.ª Sinfonia (maio de 1824) – os restantes são os *opus* 127, 130-132 –, além do novo andamento final que escreveu para o Quarteto, op. 130 (logo após terminar o op. 135), em substituição do que viria a ser a *Grande Fuga*, op. 133, nesse passo autonomizada.

Por muito tempo, o Quarteto op. 135 foi julgado como sendo algo “menor” em relação aos quatro imponentes antecessores (ele é certamente o mais conciso) e, de facto, evidencia um propósito e esquema mais “modesto”, digamos. Contudo, ele “casa” duas qualidades raras: é enigmático e experimentalista – e é-o em todos os andamentos. Para a sua notoriedade contribuiu também uma historieta associada ao 4.º andamento, cujo subtítulo é “Der schwer gefaßte Entschluß” (ou seja: “A resolução dificultosa”) e que se joga à volta da pergunta “Muss es sein?”, que é respondida pela afirmação “Es muss sein!” (ou seja: “Terá de ser?/ Tem de ser!”). Julga-se que esta “anedota” estará relacionada com uma soma em dinheiro que alguém devia a Beethoven.

O op. 135 foi editado já postumamente, em agosto de 1827 (partes instrumentais), por Schlesinger (Paris) e no mês seguinte, em Berlim (partes e partitura geral), por Schlesinger pai. A estreia deu-se a 23 de março de 1828, em Viena, num concerto “in memoriam” organizado por Joseph Linke, violoncelista do Quarteto Schuppanzigh, a formação que assegurara as estreias da maioria dos quartetos do compositor em vida. Apresenta um 1.º andamento em forma-sonata, o qual, mais do que introduzir e depois trabalhar temas, lida com motivos e respetivas combinação e elaboração. O 2.º andamento é um ABA (forma Scherzo-Trio), ao passo que o andamento lento (em Ré bemol maior) – verdadeiro coração pulsante da obra e única instância onde este quarteto assume aquele tão beethoveniano adjetivo *Innigkeit* (algo como: “intensa interioridade”) – se organiza como um tema e quatro variações, também elas evidenciando um tratamento assaz original. O *Finale* é a instância da tal “difícil resolução”, cabendo à pergunta (“Muss es sein?”) um motivo (inscrito num *Grave*, em Fá menor) e à resposta (“Es muss sein!”) outro motivo, inscrito num *Allegro*, em Fá maior.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

Quarteto Belcea

A paixão, aliada à precisão, à expressividade e à pura emoção, caracterizam os concertos do Quarteto Belcea, fundado no Royal College of Music, em Londres, em 1994. O seu vasto repertório estende-se de J. Haydn, Mozart e Beethoven a Bartók, Janáček e Szymanowski. Os músicos continuam também a acrescentar novas obras de compositores contemporâneos como Julian Anderson, Guillaume Connesson, Joseph Phibbs, Thomas Larcher e Mark-Anthony Turnage. Estas encomendas são concretizadas em associação com a Belcea Quartet Trust, fundação criada para apoiar a expansão da literatura para quarteto de cordas e para formar e apoiar jovens quartetos, passando assim para as novas gerações o legado artístico que receberam dos Quartetos Amadeus e Alban Berg.

Para além da gravação integral dos Quartetos para Cordas de Bartók, Beethoven, Brahms (*Diapason d'Or de l'année 2016*) e Britten, a diversificada discografia do Quarteto Belcea inclui obras de Berg, Dutilleux, Mozart, Schönberg, Schubert, Chostakovitch, Janáček e Ligeti, entre outros. Na primavera de 2022, a Alpha Classics lançou os dois Sextetos para Cordas de Brahms, interpretados em colaboração com Tabea Zimmermann e Jean-Guihen Queyras. As interpretações dos Quartetos para Cordas de Beethoven, no Konzerthaus de Viena, em 2012, foram editadas em DVD pela EuroArts em 2014, seguindo-se o lançamento de uma gravação dos três Quartetos para Cordas de Britten, em 2015.

Entre 2017 e 2020, o Quarteto Belcea esteve em residência no Auditório Pierre Boulez, em Berlim, palco onde se tem apresentado com regularidade desde então. No Konzerthaus de Viena, participa num ciclo de quartetos de cordas desde 2010, que organiza em parceria com o Quatuor Ébène desde 2021/22.

Na temporada 2025/26, um destaque especial para a colaboração com Barbara Hannigan, que inclui uma digressão pela Europa com obras de Schönberg e Hindemith. O Quarteto Belcea atuará também no Carnegie Hall, em Nova

Iorque, na Filarmónica Nacional de Varsóvia, no Auditório Nacional de Música de Madrid, na Sala Dvořák do Rudolfinum de Praga, bem como nas bienais de quartetos de cordas de Paris e Amesterdão, entre outros palcos.

CARTÃO GULBENKIAN

**Para quem vive
a Gulbenkian.**

**Escolha o Cartão
mais adequado para si.**

Adesão online
em poucos minutos.

Adira ou renove o seu Cartão Gulbenkian e aproveite todas as vantagens exclusivas.

CARTÃO
GULBENKIAN

CARTÃO
GULBENKIAN
MAIS

Gratuito

65€ / ano

Troca de pontos por ofertas especiais



Descontos etários mais vantajosos



Desconto de 10% em publicações



Compra de assinaturas para
a Temporada Gulbenkian Música



Levantamento antecipado de bilhetes
para eventos gratuitos

1 DIA ANTES

2 DIAS ANTES

Entrada gratuita no Museu,
CAM e exposições



Acesso prioritário a exposições



Compra antecipada de bilhetes avulso



Programação exclusiva



Desconto de 10% em artigos de loja



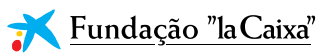
Newsletter exclusiva



Sebe mais



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*

